

Parte 2 - Vertentes diferenciadas do comportamento judaico brasileiro

1º capítulo - Identidade e etnicidade

Identidade judaica: significados e pertinência em jovens judeus liberais paulistanos

Sylvana Hemsí

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

HEMSI, S. Identidade judaica: significados e pertinência em jovens judeus liberais paulistanos. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 392-400. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PARTE 2

VERTENTES DIFERENCIADAS DO COMPORTAMENTO JUDAICO BRASILEIRO

1º CAPÍTULO

IDENTIDADE E ETNICIDADE

Identidade judaica: significados e pertinência em jovens judeus liberais paulistanos

Sylvana Hemsí¹

O objetivo deste trabalho é compreender como está configurada a identidade judaica e a pertinência ao judaísmo em um grupo de jovens judeus liberais paulistanos, através do referencial teórico da psicanálise, de pesquisa qualitativa, observação participante em grupos institucionais para jovens na cidade de São Paulo e análise de documentos da comunidade judaica relativos a esta faixa etária.

Consideramos que a identidade judaica se estabelece em duas vertentes. A primeira, individual, pode ser observada através do comportamento, mas se realiza sobretudo nas percepções subjetivas em relação a determinadas situações. A segunda, a vertente coletiva, pode ser analisada na participação efetiva na coletividade e também no marco da vida judaica em sua interação com o mundo não judaico (Della Pergolla, 1999).

O sentimento de pertinência, que buscamos avaliar, também está vinculado a diferentes experiências e contextos e à circunstância específica na qual se encontra o sujeito no momento presente. Podemos dizer, portanto, que se trata de um complexo que envolve emoção, ação, contexto e oportunidade.

Este trabalho utilizou a definição ampla de judeu, cujo critério é a autodefinição do indivíduo que se declara judeu; sem obrigação da prática religiosa, permitindo incluir múltiplas expressões de identidade, como os aspectos psicológicos, culturais, étnicos, sociológicos e linguísticos.

¹ Mestre em História / USP.

Com tal propósito, avaliamos os principais aspectos que caracterizam a identidade judaica e examinamos como a educação formal, por um lado, e a educação não formal, por outro, agem sobre esse processo de construção buscando revelar os desejos e valores que constituem o sentido de “ser judeu”.

Analizamos a transmissão recebida, a relação dos jovens com a religião e as práticas religiosas, a importância dos avós na transmissão do judaísmo, sentimentos com relação a Israel, exemplos de conduta dados pelos pais e pela comunidade, vivências de discriminação, sentimentos com relação ao holocausto, ambiguidades e afetos com relação a “ser judeu”.

O momento atual do jovem foi priorizado: o sentimento de pertencer a uma comunidade, as preferências com relação a namoro e casamento, o círculo de amizades, suas posições frente à conversão, à morte, à preconceitos; sentimentos com relação a morar em São Paulo, inserção da comunidade judaica nesta cidade e, por fim, as perspectivas de continuidade: a importância dada ao judaísmo, projeções com relação aos filhos: atitudes, desejos e valores.

Os parâmetros utilizados para a montagem do roteiro das entrevistas foram embasados no modelo quádruplo da consciência humana, especificado por Wilber (1997) no seu trabalho “Uma Teoria Integral da Consciência” e o referencial teórico utilizado para a análise das mesmas foi baseado na análise do discurso segundo o modelo proposto por Dominique Maingueneau.

Foram entrevistados durante o ano de 2001 e 2002, 20 jovens na faixa etária de 18 a 28 anos, de ambos os sexos, solteiros, estudantes universitários e pós-universitários, selecionados a partir da técnica de amostragem Bola de Neve, apresentada por Comelius. Esta faixa etária foi escolhida por ser um momento da vida em que novos grupos de referência se delineiam na vida do jovem e a inserção na sociedade se dá de maneira mais autônoma. É também um momento significativo de escolhas afetivas e profissionais, caracterizadas, sobretudo, pela descoberta de conflitos e dicotomias, nas quais o jovem afirma suas opções.

Foram entrevistados 12 jovens do sexo masculino e 8 do sexo feminino, procurando levar em consideração variáveis como: terem estudado em escola judaica e em escola laica durante o ensino fundamental, pais com casamentos endogâmicos e exogâmicos, frequência em atividades não formais da comunidade judaica paulistana – clubes, movimento juvenil,

sinagogas – na medida em que estas instituições possibilitam a formação e a transmissão da identidade judaica.

É importante ressaltar que grande parte dos entrevistados frequentou os movimentos juvenis *Dror*, *Chazit* da Congregação Israelita Paulista e *Chufshá* da Comunidade *Shalom* de São Paulo, durante os anos de 1994 a 1999.

Os jovens entrevistados são netos de imigrantes e pertencem a classe média e média alta. Seus pais são, em sua grande maioria, profissionais liberais bem sucedidos, atuando nas áreas de Humanas e Exatas. Propiciaram aos seus filhos o estudo nas mais conceituadas escolas particulares de São Paulo, a frequência em clube judaico, o conhecimento de línguas estrangeiras, e viagens para o exterior. Desta maneira, os jovens se integraram naturalmente em São Paulo, participando de grupos dentro e fora da comunidade judaica.

Seus pais lhe propiciaram também uma educação flexível, baseada no diálogo e no respeito às diferentes ideias e conceitos, valorizando nos filhos a independência de valores. De acordo com as entrevistas, eles ofereceram a possibilidade de opção e questionamento sobre os mais variados temas, inclusive a forma como o judaísmo é praticado na família. Radicalmente diferente da educação recebida pelos seus pais (pautada pela rigidez de modelos, ambiguidades, medos e conflitos), estes jovens tiveram a oportunidade de escolher a maneira como querem ser judeus.

Porém, esta abertura para questionamentos também foi fruto da dificuldade dos pais em transmitir conteúdos judaicos. Os entrevistados expressaram que sentiram falta de compreensão nos seus ensinamentos sobre judaísmo, no modo como rezavam, e desinteresse dos mesmos em aprender para poder transmitir.

A comemoração das festas judaicas foi traduzida como “uma reunião em família”, que agradava aos jovens, pois o ambiente familiar gerava apoio, segurança, continência, união e reafirmava o sentimento de pertinência.

Vejamos dois exemplos:

Tinha o Pessach, que meu avô fazia naquele hebraico que ninguém nunca sabia o que estava acontecendo. Tinha Chanucá que a gente acendia as velas, mas só por acender. Nunca tinha ouvido nenhuma explicação. Tinha Rosh Hashana que a gente ia ao final buscar minha avó na sinagoga e no final de Yom Kipur também ia buscar, o que

era um inferno. Minha mãe vem de uma família normal, sabe judeus normais. Fazia Shabat em casa, mas nunca deram explicações. A gente fazia as festas, mas não se explicava por quê. (K.)

Eu acho extremamente interessante a proteção e o trabalho em conjunto que a família faz. Você tem reuniões familiares. As festas judaicas fazem com que você tenha pelo menos algum contato com sua família. Acho que todo apoio que a família te dá é muito importante para todo o desenvolvimento profissional e pessoal. O judaísmo dá valor à família, aos amigos e sentir a importância desse meio é o que eu tenho visto no judaísmo no dia a dia. (A.)

Os elementos preponderantes da transmissão do judaísmo dos jovens foram os cursos preparatórios para *Bar/Bat Mitzvá* e principalmente a participação e frequência em movimento juvenil. Através da inserção nestes grupos, os jovens aprenderam não só cultura e religião judaica, mas principalmente encontraram um local de pertinência, onde sentiram respeito por suas ideias, continência da instituição, apoio do rabino e principalmente reconhecimento. Na função de *madrich* (monitor), sentiram-se responsáveis por transmitir o judaísmo para seus colegas, tendo para isso que estudar e se aprofundar.

Além da transmissão específica do judaísmo, outros temas de interesse, como drogas, sexualidade e política eram discutidos nesses grupos de uma maneira autônoma, propiciando aos jovens a possibilidade de expressão de seus conflitos e ansiedades. Sabemos que na adolescência a procura por outros modelos de identificação fora do ambiente familiar é prioritária. Nesse sentido, a sinagoga da comunidade Shalom, por exemplo, foi relatada como uma segunda casa, com expressões como “eu gostava do velho sofá”, “eu conhecia os pais de todo mundo”, “o rabino sabia quem você era, é alguém que te reconhece e te chama pelo nome”, “eu me sentia em casa”. O grupo de jovens se tornou o grupo de amigos de hoje. Sentiram-se integrados, pertencentes e reconhecidos e passaram a compreender e a valorizar o significado de ser judeu, o que gerou posteriormente uma atuação comunitária efetiva.

A partir dessas vivências, e com a possibilidade oferecida pelos pais de optar por outros caminhos, alguns conflitos entre pais e filhos surgiram. Os jovens afirmaram que passaram a se interessar mais pela religião judaica que seus pais, procurando se aprofundar nos conteúdos, exercitar algumas tradições em família, buscando, em última instância, um sentido das práticas

religiosas nas suas vidas. O jejum de *Yom Kipur*, por exemplo, foi relatado como um momento importante de “poder parar e refletir”, “passar o dia na sinagoga para entrar em sintonia”, visando encontrar um sentido espiritual e não ser apenas uma prática realizada de modo mecânico e sem significado.

Estas posturas têm provocado em muitas famílias mudanças de atitudes. Segundo os jovens, alguns pais passaram a exercer mais as tradições judaicas em casa, além de passarem a frequentar a mesma sinagoga que seus filhos. Já, outros pais, não concordam com a forma de “ser judeu” dos seus filhos. Um exemplo disso é dado por um jovem que afirmou que tem se dedicado muito a compreender a religião judaica e que passou a praticar algumas tradições, tais como não comer carne de porco e respeitar o *Shabat*, mas seus pais “tem medo que ele se torne religioso”, preferindo até que ele se case com uma moça não judia para não correr este “risco”.

Em comparação com a geração anterior, os jovens se sentem mais judeus que os pais, em termos de fé, espiritualidade, prática religiosa e atuação comunitária. Muitos consideram que seus pais estão perdidos, a procura de um caminho judaico, de um sentido ou significado para as práticas religiosas nas suas vidas.

O sentimento de pertinência ao judaísmo dos jovens estudados traduziu-se num orgulho da sua identidade judaica que gerou o desejo de aprimorar os conhecimentos através de cursos, viagens a Israel, trabalhos na comunidade e principalmente pelo desejo de transmitir esta identidade para seus filhos, através da inserção dos mesmos no ensino judaico não formal, em instituições da comunidade e, principalmente, no seio de sua própria família.

Todos afirmam ter preferência pelo casamento endogâmico, alegando facilidades na relação com o cônjuge e principalmente na educação dos filhos. No caso de casamento exogâmico, todos afirmaram que gostariam que o cônjuge se convertesse, se isto fosse o seu desejo, mas eles têm o propósito de educar seus filhos como judeus. Todos pretendem realizar os ritos de passagem da circuncisão, do *Bar e Bat Mitzvá* e inserir seus filhos em movimentos juvenis e clubes da comunidade e acreditam que a realização das tradições em família é a maneira mais adequada para instaurar um “viver judaico” e para a construção da identidade. Eles dão importância também à memória do holocausto sofrida pelo povo judeu e por muitos dos seus avós e consideram fundamental esta transmissão para as futuras gerações.

A maioria dos entrevistados atua em trabalhos voluntários nas instituições da comunidade judaica e não judaica, valorizando sobremaneira a prática da *tzedaká* (caridade) e aqueles que não atuam, manifestaram o desejo de fazê-lo.

Após as mudanças políticas realizadas na Comunidade *Shalom* de SP, local onde grande parte dos entrevistados frequentou até o ano de 1999, a procura de um novo local de pertinência religioso tornou-se prioritário para estes jovens. Atualmente não se identificam com nenhuma sinagoga e principalmente com nenhum rabino, e mesmo os que não participaram desta comunidade e frequentavam outras sinagogas, como por exemplo, a Congregação Israelita Paulista, afirmam que não se sentem integrados, o que gerou um distanciamento da comunidade judaica, como explicita um dos jovens:

Uma coisa que me tira do judaísmo, e está me tirando é porque eu não vejo outro lugar que eu me encontro, um templo, um local em que eu possa me sentir bem, pertencendo, mas ainda estou procurando e acredito que seja possível encontrar. (E.).

Ou, a afirmação de uma jovem que passou a frequentar outra sinagoga:

É uma pena que está virando, de uns tempos pra cá, uma bagunça e um falatório na sinagoga. A gente senta sempre para trás e é lá é enorme. É um barulho, aquele monte de gente conversando, uma falta de respeito. Acho que tira um pouco o clima, e a gente começa a conversar também. Vou exatamente três vezes por ano, e pra mim aquilo é importante. Eu ir Id, sentar, rezar, ficar na minha. E você vê aquela bagunça, um monte de gente entrando e saindo, acho muito ruim. (I)

Ao serem indagados que sugestões teriam para os representantes da comunidade com relação a uma atuação para jovens mais efetiva, as respostas apontaram para um incentivo e valorização do trabalho voluntário nas instituições judaicas e não judaicas e atividades culturais ou sociais que integrassem os jovens judeus. Para muitos entrevistados, estas atividades deveriam ser abertas para outros jovens não judeus, pois a maioria dos entrevistados acredita ser importante a inserção dos judeus no mundo não judaico e vice-versa.

O significado do que é ser judeu traduziu-se na possibilidade de poder ser judeu sem ser religioso, pelo sentimento – “sinto-me judeu”, pela relação com a família e suas raízes, com a história do povo judeu, pela

pertinência a uma comunidade e principalmente pela possibilidade de poder ser judeu de acordo com o sentido e significado que esta identificação traz na vida de cada um. O discurso deste entrevistado retrata bem este sentido:

Ser judeu é se sentir judeu. Não importa o que um acha que é o judaísmo. É você fazer seu judaísmo, é interpretar as leis da forma que você quiser interpretar, mas lógico, num parâmetro certo, mas interpretar do jeito que você acha que deve ser interpretado. Fazer suas regras baseadas nas leis que você se propôs a seguir. É estar sempre participando, tentando introduzir judeus na comunidade. Saber o que é, estudar a religião e estar seguindo da sua forma, se você acha importante faz isso, se não achar, não faz. Mas estar seguindo de alguma forma, estar lendo, se aprofundando, interpretando do seu jeito e depois passando para os seus filhos. (E.)

Para concluir, podemos analisar o fluxo da transmissão do judaísmo na família em três gerações, a partir desta pesquisa e de uma pesquisa anterior que realizamos em 1997 com a geração dos pais destes entrevistados. Podemos observar que na geração dos avós destes entrevistados, em sua maioria imigrantes fugidos da guerra, os judeus se agruparam de maneira categórica em decorrência do antissemitismo, não existindo questionamentos da identidade judaica, fora de uma interpretação de caráter político ou de classe social. E, desta maneira, transmitiram o judaísmo para seus filhos, pais destes entrevistados, através de normas rígidas, repetindo tradições muitas vezes sem explicação, gerando nos seus filhos um sentimento ambíguo de culpa e conflitos, que se sentiram obrigados a dar continuidade a um judaísmo que pouco significado e sentido fazia nas suas vidas.

Os pais destes entrevistados, por sua vez, procuraram dar a seus filhos a oportunidade de questionamentos, calcada também na falta de conhecimentos, e delegaram para instituições e representantes da comunidade judaica, como o movimento juvenil, a escola judaica formal e o rabino, a tarefa de ensinar o judaísmo para seus filhos. Já os nossos entrevistados, puderam participar destes grupos de educação não formal e na procura de um sentido vão buscar os aspectos da religião que trazem significado, não separando inclusive o judaísmo do resto do contexto social brasileiro.

Quando este jovem retorna para sua família com estes conhecimentos, encontram resistência nos seus pais que têm medo que seus filhos se tornem religiosos, ou sejam muito diferentes deles próprios. Existe um fosso entre as

gerações que permanece – os pais passam a correr atrás dos seus filhos, frequentando os mesmos locais de pertinência. Os filhos começam a criticar os pais na maneira como são judeus. Afirmam querer passar para seus (futuros) filhos a essência daquilo que acreditam: o orgulho, o sentimento, a crença e a valorização de ser judeu. Se sentem responsáveis pela continuidade do judaísmo em SP. É esta a perspectiva a partir destes jovens...

Referências Bibliográficas:

DELLAPERGOLA, Sérgio. Assimilación/ Continuidad Judia: Tres Enfoques. In *Encuentro y Alteridad – Vida y cultura judia en América Latina*. México: Ed. Fondo Cultura Económica, 1999.

HEMSI, Sylvana *Identidade Judaica: Um Modelo Paulistano Liberal*. Dissertação de Mestrado apresentada à Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da Universidade de São Paulo, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendência em Análise do Discurso*. Ed. da Unicamp e Pontes Editora, 3ª edição, Campinas, SP, 1997.

WILBER, Ken. An Integral theory of Consciousness – In *Journal of Consciousness Studies* V. 4, N.1, 1997, pp 71-92.